OS ARRUDAS DE BATURITÉ

Miguel Edgy Távora Arruda

A República ainda não tem 2 anos; faz apenas 3 que a escravatura foi abolida. É uma bela manhã de junho de 1891.

O sol, alto, banha de intensa luz as serras, os morros e os vales que circundam a cidadezinha pacata daquele começo da última década do século. Os moradores do beco do Labirinto acorrem às janelas para ver passar uma grande tropa de animais que, lentamente, vai galgando a íngreme ladeira. À frente montado num fogoso cavalo alazão, vem um senhor de meia idade; 42 anos;esbelto; porte senhoril; farta cabeleira castanha; olhos azuis; corado; a pele branca tostada pelo sol da longa caminhada; fala suave; gestos comedidos. Seu nome: Miguel de Arruda (Miguel Arcanjo de Araujo Costa Lopes de Aguiar Arruda) que, anos depois, os netos chamariam: Pai Arruda. A seu lado, também num belo cavalo, vem sua mulher, Maria do Livramento (Maria do Livramento Bezerra de Menezes de Araujo Rodrigues de Vasconcelos Arruda) que os netos haveriam de chamar: Mãe Mento. Seguem-se, numa liteira que 4 ex-excravos conduzem revezando-se, sua sogra Francisca Bezerra Rodrigues de Vasconcelos que os bisnetos chamariam de Dindinha, e, em diversos animais de sela, duas de suas cunhadas: Antônia Amélia e Maria Elisa, e sete de seus filhos, João, de 16 anos; Vicente, de 15; José, de 14; Antônio, de 13; Jeremias, de 9; Ananias, de 5; e Adelina, de 4. Procede ele de Santo Antônio de Aracati-Açu, Município de Sobral, onde se casara e vivera até então. A longa viagem durara 5 dias passando por Canindé, onde fora pagar uma promessa, e toda a serra, via Mulungu. A menorzinha, Adelina, vem na lua da sela do cavalo do Zé Dias, escravo liberto de inteira confiança, e o menorzinho, Ananias, vem no meio de uma carga, segurando com mão firme, o cabresto do animal, sob as vistas do mano mais velhinho, Jeremias, vigilante para que nada aconteça ao irmão menor.

A grande tropa de animais de sela e de carga, a que se juntam agregados, criados, serviçais, passo a passo vai entrando na cidade despertando, aqui e acolá, a curiosidade dos poucos transeuntes. Por fim, pára em frente a uma grande casa da Rua 7 de Setembro. Apeiam todos e logo começa a azáfama de descarregar os animais e acomodar tudo no novo lar: baús, caçuás, sacas e pertences. E assim passa-se o dia que haveria de se transformar em um marco na vida naquela família.

Chegando a Baturité, onde lhe haveriam de nascer mais 3 filhos, Miguel de Arruda afeiçoa-se à cidade e a adota como sua, transformando-a

na terra de seus filhos, netos, bisnetos, trinetos e tetranetos, mesmo que alguns deles nela não tenham nascido ou não venham a nascer.

E a 23 de maio próximo, centenas de seus descendentes, membros de seu Clã, vindos dos mais distantes rincões deste nosso imenso e querido Brasil, vão se reunir em Convenção, por 3 dias, nesta mesma cidade que o viu chegar naquela radiosa manhã de junho de 1891, para homenageá-lo na pessoa do único sobrevivente daquela jornada memorável: o seu filho Ananias que, nesse dia, estará completando 90 anos de nobre e profícua existência.

Chegando a Baturité, Miguel de Arruda alugou inicialmente, um quarto no Mercado Público da Cidade onde se estabeleceu com o comércio de gêneros e, posteriormente, um armazém, passando a negociar em grosso e com artigos de exportação. Alugou, também, uma casa à rua 7 de Setembro onde se instalou com a família. Nesta casa nasceram-lhe os filhos: Eurico, a 21.06.1892 e Raimundo, a 31.08.1893.

Em 1897, seus 3 filhos mais velhos, João, Vicente e José (Zeca) foram para o Amazonas. Os dois primeiros lá se casaram: João, em 1898, com Mariana Teles (Marianinha), e Vicente, em 1901, com Joana Bastita (Mimica).

Em 1902, mudou-se Miguel de Arruda para outra casa, na mesma rua 7 de Setembro, lado Norte da atual praça Waldemar Falcão. Ali nasceu, a 22 de março do mesmo ano, seu primeiro neto Miguel Olbers, filho de João que voltara há pouco do Amazonas, bem como, a 14 de junho, sua filha caçula Maria Luiza (Mimosa).

Em 1903 comprou Miguel de Arruda uma grande casa de 5 portas de frente, também na rua 7 de Setembro, esquina da praça Dr. Amaro Cavalcante, hoje pertencente a seu filho Raimundo, e nela se instalou definitivamente com a família.

A 1º de outubro de 1904, seu filho Antônio (Toinho) casou-se com Júlia Coêlho da Fonseca (Julinha) e a 2 de dezembro de 1905 era a vez de sua filha Maria Adelina contrair matrimônio com Luiz de Gonzaga Furtado (Lulu). Em 1907, retornou do Amazonas seu filho José (Zeca) que se casou, a 21 de dezembro do mesmo ano, com Esther Proença.

A 8 de dezembro de 1909, seu filho Jeremias casou-se com Margarida Soares Bezerra e a 17 de setembro de 1911, seu filho Ananias casou-se, por sua vez com Ana Custódia dos Santos (Donaninha).

Em 1914, seu filho Vicente voltou do Amazonas com sua mulher e um garoto amazonense, Francisco Olegario, que criava como filho, e, a 21 de abril do mesmo ano, sua sogra, Francisca Bezerra de Araujo Vasconcelos (Dindinha) faleceu em Baturité estando sepultada no Cemitério de São Miguel, da mesma cidade. Ainda neste ano, a 5 de Julho, faleceu sua nora

Mariana Teles Arruda (Marianinha), mulher de seu filho João, e este tornou a casar-se, algum tempo depois, com Carolina Martins (Carola).

A 17 de junho de 1918, seu filho Raimundo casou-se com Noemy Távora de Assis.

A 27 de abril de 1919, seu filho Vicente faleceu em Baturité e sua viúva, Joana Batista de Arruda (Mimica), juntamente com seu filho adotivo Francisco Olegário, voltou para o Amazonas.

Ainda em 1919, Miguel de Arruda mudou-se para Fortaleza. Tendo comprado uma chácara no Bairro do Benfica, alí viveu, com a família, até 25 de março de 1923 quando faleceu, estando sepultado no Cemitério de São João Batista, da mesma cidade.

A 9 de junho de 1924, sua filha Maria Luiza (Mimosa) ingressou, como Religiosa na Congregação de Santa Dorotéia, e em 1926, sua viúva, Maria do Livramento (Mãe Mento), vendeu a chácara do Benfica e voltou para Baturité.

Em 1930, seu filho Eurico casou-se com Albertina Soares e no ano seguinte, a 23 de dezembro o mesmo Eurico faleceu em Fortaleza, estando sepultado no Cemitério de São João Batista, da mesma cidade.

Sua viúva, Maria do Livramento Arruda (Mãe Mento), tendo voltado a residir em sua antiga casa de Baturité, alí viveu até 19 de setembro de 1932 quando faleceu, estando sepultada no Cemitério de São Miguel, da mesma cidade.

Ainda que mortos, Miguel de Arruda e Maria do Livramento de Arruda, tronco de inumerável descendência, continuam vivos na memória de seus filhos, netos, bisnetos, trinetos e tetranetos, e a 23 de maio próximo, por ocasião do nonagésimo aniversário de nascimento de seu filho Ananias Arruda, centenas destes seus descendentes, vindos de todo o Brasil, vão se reunir por 3 dias, em Convenção, nesta mesma cidade de Baturité a que eles tanto amaram e que adotaram como sua, desde que a ela chegaram no longinquo ano de 1891.

MIGUEL ARRUDA

(Miguel Arcanjo de Araujo Costa Lopes de Aguiar Arruda), 11º filho de João José de Arruda (João José Pereira) e Maria Quitéria de Jesus Lopes de Aguiar (Maria Quitéria de Araujo), neto de Amaro José de Arruda e Ana Maria da Conceição e de Narciso Lopes de Aguiar e Maria Quitéria de Araujo Costa, nasceu a 23.09.1849, na Fazenda "Oiticará", à margem do rio "Contendas", Ribeira do "Acarau", Freguezia de Sant'Ana, então Município de Sobral, CE, e faleceu a 25.03.1923, em Fortaleza, CE, estando sepultado no Cemitério de São João Batista, da mesma cidade; casou a 17.09.1874, em Santo Antônio do Aracati-Açu, Município de Sobral CE, com MARIA DO LIVRAMENTO ARRUDA (Maria do Livramento Bezerra de Menezes de Araujo Rodrigues de Vasconcelos), filha de José

Rodrigues de Vasconcelos e Francisca Bezerra de Araujo, neta de Domingos Rodrigues de Vasconcelos e Antônia Maria do Espírito Santo e de Joaquim Bezerra de Araujo e Thereza Maria de Jesus, nascida a 04.01.1856, na Fazenda "Bilheira", Freguezia de Santo Antônio do Aracati-Açu, Município de Sobral, CE, e falecida a 19.09.1932, em Baturité, CE, estando sepultada no Cemitério de São Miguel, da mesma cidade; em 1891, mudou-se para Baturité, CE, onde se fixou com a familia, dando origem ao Ramo dos Arrudas do Ceará que se convencionou chamar: de Baturité. De seu casamento com Maria do Livramento Arruda, nasceram os seguintes filhos:

01) João Gualberto nas. a 13.07.1875 e fal. a 25.09.1947;
02) Vicente Leon nas. a 19.06.1876 e fal. a 27/04.1919
03) José Aprígio nas. a 13.08.1877 e fal. a 09.03.1958
04) Antonio Austre nas. a 18.12.1878 e fal. a 20.04.1935
05) Maria (gêmeo) nas. a 12.05.1880 e fal. ao nascer
05) Fco, (gêmeo) nas. a 12.05.1880 e fal. ao nascer
07) Jeremias Gerv. nas. a 05.03.1882 e fal. a 02.06.1969
08) Maria nasc. a 15.06.1884 e fal. com 3 dias
09) Ananias Abde. nas a 23.05.1886
10) Maria Adelina nas. a 25.08.1887 e fal. a 07.06.1965
11) Eurico nas. a 21.06.1892 e fal. a 23.12.1931
12) Raimundo nas. a 31.08.1893
13) Alfa nas. a 30.04.1895 e fal. com 5 meses
14) Cláudio nas. a 17.06.1896 e fal. com dias
15) José (gêmeo) nas. a 18.07. 1897 e fal. com dias
16) José (gêmeo) nas. a 18.07.1897 e fal. com dias
17) Maria nas. a 24.08.1898 e fal. com dias
18) Maria Luisa nas. a 14.06.1902
(21 filhos, contando-se com 8 falecidos infantes e 3 abortícios, em 1881, 1885 e 1899)

JOÃO ARRUDA
(13.07.1875 = 25.09.1947)

Por Pe. José Teles Arruda

João Gualberto Vasconcelos Arruda foi o primeiro filho do casal Miguel de Arruda e Maria do Livramento Arruda. Nasceu a 13 de julho de 1875 em Aracati-Açu, município de Sobral, Estado do Ceará. Em junho de 1891, foi para Baturité, em companhia de seus pais e irmãos. Em 1897 com dois de seus irmão, Vicente e Zeca, foi para o Amazonas. Minha avó, Maria do Livramento, Mãe Mento, como era chamada na intimidade, chorava de tristeza, vendo seus filhos jovens partirem para um Estado distante. Meu

avô, porém, Miguel de Arruda, a quem chamavam Pai Arruda, queria filhos que trabalhassem, ganhassem o pão com o suor de seu rosto.

Naquela época, o Amazonas era a terra da promissão por causa da extração da borracha, produto de grande exportação.

Em 08.02.1900, meu pai se casou com Mariana Teles, filha de Francisco Araujo Teles e Minervina Araujo Teles,, naturais do Estado do Piauí.

No começo do século em 1901, meu pai voltou para o Ceará e se instalou em Baturité com meu avô. Ali nasceu o primeiro filho Miguel Olbers, em 22 de março de 1902 e a minha irmã Creusa, em 26 de maio de 1903.

Como meu avô, Pai Arruda, tivesse comprado um sítio na serra, meu pai, chamado depois pelos filhos, Papaizinho, foi tomar conta do sítio, denominado S. Miguel. Ai nasci eu, 3º filho, José, que recebeu o apelido de Detinho. Muitos extranham que de José saisse Detinho, na realidade meu apelido era Zezinho, mas meu irmão mais velho, o Olbers, só me chamava de Detinho e assim o apelido pegou.

Uma parte do ano, meu pai morava em S. Miguel, no tempo das plantações e na moagem da cana. No período de inverno ia com toda a família para o Canjarai, fazenda que meu avô comprara no sertão, perto de Canindé.

Nasceu no Jucá o 4º filho, Francisquinho, a 13 de maio de 1906.

Minha mãe, Marianinha, na intimidade, viajava de liteira, às vezes com algum dos filhos menores. Era uma criatura admirável, paciente e despertava tranquilidade ao seu redor. Todos que a conheceram diziam que era uma santa. O castigo que dava aos filhos era rápido: uma palmada, um piparote que consistia numa pequena pancada na cabeça com o dedo polegar fechado, quanto a meu pai também batia pouco nos filhos. Eu mesmo nunca apanhei nunhuma surra.

Em 1º de abril de 1909 naceu o 5º filho Fanuel, no Canjari. Desde pequeno foi o mais peralta. Depois de ter vindo ao Ceará para os 90 anos do seu tio, Ana nas voltou para o Rio e morreu de um edema pulmonar um mês depois, a 24 de junho de 1976.

Em 1912 a 12 de fevereiro, nasceu em Baturité o 6º filho, Milton que faleceu de desastre de automóvel, na estrada Rio-S. Paulo no dia 12 de novembro de 1958.

Em 1913 meu pai já se encontrava em Fortaleza e me lembro que ele trabalhou na casa Singer.

Em julho de 1914 faleceu minha mãe e os filhos foram todos para Baturité viver com a família do meu avô.

No mesmo ano meu pai casou-se com Carolina Martins, natural de Fortaleza, filha de Joaquim Martins Junior e Elisa de Oliveira Martins. Deste matrimônio nasceram dois filhos, um falecido ainda novo e o segundo é Maria Osete que vive no Rio de Janeiro. Minha madastra Carolina faleceu em Vitória da Conquista, sul da Bahia a 18 de dezembro de 1963.

Em Fortaleza, meu pai trabalhou, na firma de seu irmão Jeremias, como comprador de peles. Em 1917 morou em Iguatu. Em 1918 fui estudar no Colégio do Caraça em Minas Gerais, onde fiz cinco anos de ginásio continuando os estudos superiores em Petrópolis, onde me ordenei Padre.

Meu pai me visitou uma vez no Caraça e várias vezes em Petrópolis, então acompanhado de minha madastra Carolina e minha irmã Osete.

Tendo se desligado da fima Jeremias Arruda foi residir no Rio de Janeiro. Ai inventou um processo novo para conservar o calor de fogões e fugareiros, com um revestimento de amianto. Deu o nome de sua filha Osete.

Com estas vendas e outras atividades sustentou a sua família e educou no Colégio da Imaculada Conceição do Botafogo sua última filha.

Em 1931, antes de partir para o Ceará cantei minha primeira missa na Igreja da Lapa, tendo como assistentes a família de meu pai e a do tio Jeremias.

Depois de eu ter trabalhado no Paraná e em S. Paulo, fui transferido para o Seminário de Salvador, na Bahia, em 1935.

No ano seguinte meu pai, com minha madrasta e minha irmã, foram também morar ao meu lado em Salvador. Ele se orgulhava muito de ter um filho Padre. Com licença dos meus superiores sempre o ajudei financeiramente.

Na sua estadia na Bahia, aproveitando da lei do governo, que permitia a mistura de 30% de farinha de mandioca no trigo, foi o primeiro a desenvolver este processo, dirigindo a fábrica de um industrial baiano, na fazenda de Copioba, perto de Nazaré, estado da Bahia.

Meu pai, com sua imaginação, também inventou uma pequena caixa para fazer cigarros de fumo de rôlo.

Em 1942, após o casamento da minha irmã Osete com Agnaldo Viveiros da Fonseca, fui transferido para o Maranhão, S. Luiz, e meu pai voltou para o sul. Esteve em Belo Horizonte, onde seu genro trabalhava no Ministério da Agricultura. Mas tendo ele sido nomeado para o Banco do Brasil, carteira agrícola, acompanhou-o com sua mulher, até Crateús, onde foi trabalhar.

Em 1947, estando mal de saúde, foi para o Rio, no mês de julho, para a casa de seu filho Milton.

Viajou de navio, recebendo a comunhão, todos os dias, das mãos do bispo de Caxias, Maranhão, D. Luiz Marolim.

No Rio ficou em tratamento, tendo melhorado. No dia 25 de setembro, seu filho Milton voltara de Urucania, M. Gerais, trazendo a benção do Pe. Antonio. Às 18 horas todos assistiram pelo rádio a novena de N. Senhora das Graças.

Terminada a oração ele falou para todos, cheio de entusiasmo: estou curado, e no mesmo instante um ataque cardiaco e levou para Deus. Está sepultado no Rio, no Cemitério de S. João Batista.

VICENTE ARRUDA
(19.06.1876 -27.04.1919)

Eu não conheci este meu tio, pois ele morreu quando eu mal tinha nascido. Sei, contudo, que era o segundo filho de meus avós paternos: Miguel de Arruda e Maria do Livramento Vasconcelos Arruda e que seu nome completo era Vicente Leonardo Vasconcelos Arruda. Nasceu ele a 19 de junho de 1876, na Fazenda Bilheira, Santo Antônio do Aracati-Açu, Município de Sobral, e lá viveu sua infância e meninice em meio ao ambiente agreste daquele sertão, talado, logo no ano seguinte, pela grande seca de 1877. Em contato com a vida árdua da caatinga, no convívio do homem simples do campo, sob a inspiração e os ensinamentos de seus pais, plamou o menino Vicente o seu caráter arureolado por nobres virtudes que o haveriam de acompanhar por toda a vida. Em 1891, em companhia de seus pais e irmão, veio ele para Baturité e aqui freqüentou o Colégio do Dr. Antonio Adolfo Coelho de Arruda onde se iniciou nas lides intelectuais para as quais tinha grande pendor, cultuando o vernáculo e as línguas latinas. Em 1897, na companhia de seus irmãos João e José (Zeca) foi para o Amazonas e, em Manaus, fez o curso de Guarda-Livros (Contador) profissão que abraçou e exerceu com grande competência. Em 1901, casou-se, ainda em Manaus, com Joanna Batista, mas o casal não teve filhos. Tempos depois, adotou um garoto amazonense, Francisco Olegário, de origem indígena. Em 1914, retornou Vicente Arruda, com a mulher e o filho adotivo para Baturité, onde continuou a exercer a profissão de Guarda-Livros. Em 1916 associaou-se a seu pai e a seu irmão Ananias na firma comercial Arruda & Filhos. Com a fundação, em 1917, pelo seu irmão Ananias, do jornal "A Verdade", ele que já colaborara em diversos jornais de Manaus, ingressou definitivamente no jornalismo deste semanário e ainda hoje pode-se ler nas coleções do nosso jornal, dos anos de 1917, 1918 e 1919, primorosas crônicas de sua autoria. Passou também a participar ativamente da vida comunitária da cidade, sendo, com frequencia, solicitado a tormar parte em reuniões sociais, sessões lítero-musicais e solenidades cívicas que abrilhantava com manifestações de sua inteligência e de sólida cultura adquirida em anos de estudo persistente. Caráter íntegro, de reputação ilibada, era dotado de extrema bondade, granjeando a afeição e o respeito de quantos com ele conviviam por seu fino trato e suas qualidades morais. Católico praticante, nunca se afastou de seus deveres religiosos. Morreu ainda moço, com 43 anos incompletos, na madrugada de 27 de abril de 1919, nesta mesma cidade de Baturité onde chegara 28 anos antes em companhia de seus pais e irmãos. Sua viúva Joanna Batista, voltou para o Amazonas com o filho adotivo, para o meio de sua família. Acha-se Vicente Arruda sepultado no Cemitério de São Miguel, em Baturité.

JOSÉ ARRUDA

(13.08.1877-09.03.1958)

Por Maria Esther Arruda Barata

Nome completo: José Aprígio Vasconcelos Arruda (Zeca, na intimidade)
Nascimento: 13.08.1877 (Santo Antônio do Aracati-Açu, Município de Sobral - Ceará)
Falecimento: 09.03.1958 (Belém -Pará)
Filiação: Miguel de Arruda e Maria do Livramento Vasconcelos Arruda (falecidos)
Esposa: Esther Proença (falecida), filha de Bernardo Proença e Jacintha Proença (falecidos)
Filhos: Oscar (falecido), José (Bancário aposentado, casado), Maria Esther (Prendas domésticas, viúva), Jacinta (falecida infante), Jacinta (falecida), Miguel Bernardino(Cirurgião Dentista, casado), Bernardino (falecido infante), Bernardino (Comerciante aposentado, casado), Àlvaro (falecido), Adriano (falecido), Vicente (Funcionário público, casado) e Maria do Livramento (falecida).
- Em 1891, acompanhou seus pais e irmãos ao se mudarem para Baturité, Ceará, e frequentou o Colégio do primo de seu pai, Dr. Antonio Adolfo Coelho de Arruda;
- Em 1897, juntamente com seus dois irmãos João e Vicente, foi para o Amazonas (tempo áureo da borracha), a fim de FAZER FORTUNA, como era hábito naquela época;
- De início, estabeleceu-se em Manaus com um pequeno restaurante, durante pouco tempo. Depois esteve em seringais. Passou lá dez anos;
- Voltando ao Ceará, casou-se em 12.12.1907, em Fortaleza, para onde já transferira residência o pai de sua noiva, o industrial português Bernardino Proença. No mesmo dia, com sua noiva e membros das duas famílias, seguiu em trem especial, expresso, para Baturité onde fixou residência e se estabeleceu no comércio como sócio de seu pai e de seus irmão Toinho e Ananias;
- Anos mais tarde, mudou-se para Fortaleza associando-se com seu sogro e cunhados numa Uzina de beneficiamento de algodão e óleo;
- Tempos depois da morte do sogro, desfeita a Sociedade, transferiu-se com a família para Belém do Pará, ficando com a filial da Uzina, naquela cidade;
- Depois de algum tempo liquidou a Uzina e fixou-se com uma Fábrica de Rêdes, depois ampliada com uma Fiação;
- Católico praticante, trabalhador honesto e caridoso, foi esposo e pai amantíssimo.

FATOS PITORESCOS DE SUA VIDA - Antes de seguir para o Amazonas, um dia, em Baturité, passando pela casa de sua futura esposa, quebrou a linha e guardou uma pequena CURICA (PIPA DE PAPEL) que a mesma,

criança ainda, empinava na janela de sua residência, dizendo na ocasião: "Ainda hei de me casar com esta menina!". Dez anos depois, ao retornar do Amazonas, realizava seu intento e não se sabe o que mais admirar: o permanecer ele, por tantos anos, firme em seu propósito, ou se conservar ela fiel à promessa que lhe fizera de esperar por sua volta, recusando diversos partidos que se lhe ofereceram neste interim. Aquele brinquedo de criança, guardou até à morte numa caixa de papelão recomendando aos filhos que queria ser enterrado com o mesmo, desejo que foi cumprido, servindo-lhe a caixa guardada por 61 anos, como travesseiro, em sua última morada.

Numa ocasião, estando no Rio de Janeiro com seu irmão Jeremias, passou perto deles um pedinte. Ele deu uma esmola. Como seu irmão o censuraase por dar dinheiro a um embriagado, respondeu: "Que mal faz ele tomar mais um traguinho? É o único gosto que ele tem..."

Numa ocasião, em sua Fábrica entrou uma mulher chorando, pedindo uma ajuda e dizendo: "Sr. Arruda, me disseram que se eu chorasse o senhor me atendia'. De imediato foi satisfeita.

Este era o meu pai.

ANTÔNIO ARRUDA
(18/12/1878 - 20/04/1935)

Por João Coelho Arruda

ANTÔNIO AUSTREGÉSILO VASCONCELOS ARRUDA (TOINHO), nascido em Santo Antônio do Aracati-Açu, município de Sobral-Ce, a 18/12/1878, e falecido em Baturité-Ce, a 20/04/1935. Casou-se a 1º de outubro de 1904, em Fortaleza-Ce, com JÚLIA COELHO DA FONSECA (Julinha), nascida em Fortaleza-Ce, a 02/09/1884, e falecida na mesma cidade, a 18/11/1963, filha de João Coelho da Fonseca e Feliciana Rosa da Fonseca. Seu casamento foi precedido de um episódio curioso. Conta-se que estando Julinha de férias em Baturité, achava-se ela numa roda de jogo de cartas quando o Eurico, irmão dele, lhe passou, por baixo da mesa, uma rosa dizendo que fora o Toinho quem a mandara, indo, assim, ao encontro de uma simpatia mútua, apenas tolhida pela inibição do moço Antônio. Daí surgiu o namoro, o noivado e, por fim, o casamento. Tiveram eles os seguintes filhos:

MIGUEL COELHO ARRUDA, falecido, casado com LUIZA NERY ARRUDA;

MARIA DE LOURDES COELHO ARRUDA, religiosa Dorotéia;

JOÃO COELHO ARRUDA, casado com MARIA ALEXANDRINA FURTADO ARRUDA;

ANTÔNIO, falecido infante;

MARIA JÚLIA COELHO ARRUDA;

JOSÉ COELHO ARRUDA, casado com MARIANITA MASCARENHAS ARRUDA;

MARIA DO LIVRAMENTO, falecida;

FRANCISCO SALES COELHO ARRUDA, casado com LEONTINA MATTEIS DE ARRUDA;

FELICIANA ROSA ARRUDA DE ANDRADE, casada com LIBERALINO PEREIRA DE ANDRADE, falecidos;

ANTÔNIO, falecido infante;

MARIA, falecida infante;

PAULO COELHO ARRUDA, casado com sua prima NEUSA GARCIA ARRUDA;

MARIA LUISA ARRUDA NABUCO, casada com EUCLYDES NABUCO;

MARIA CONSUELO ARRUDA SABINO, casada com JOSÉ GARCEZ SABINO;

LUIZ DE GONZAGA COELHO ARRUDA, casado com IRACEMA DE AMORIM ARRUDA.

Nos idos de 1891, com apenas 13 anos de idade, papai chegou a Baturité acompanhado de seus pais e irmãos, para ali fixarem residência. Aí viveu até a sua morte.

Muito cedo, ainda criança, empregou-se na firma do Cel. Francisco Antonio, onde permaneceu por vários anos, só deixando este emprego para se estabelecer comercialmente numa loja de fazendas, em sociedade com seu irmão Ananias, financiada por seu pai, o nosso Pai Arruda. Essa sociedade foi desfeita em 1914, em virtude de sua casa comercial haver sofrido invasão dos jagunços, inimigos políticos do Cel. Franco Rabelo, então governador do Ceará, dela restando apenas uma prateleira contendo garrafas de vinho que mesmo com rótulos "Franco-Rabelo", foi respeitada por estar ladeada por quadros do Coração de Jesus e de Maria.

Logo após, estabeleceu-se, novamente, com um armazém de cereais, continuando no comércio até seus últimos dias, embora muito sofresse nesse ramo por seu intransigente senso de honestidade, raiando ao escrúpulo. Porisso nunca pôde progredir comercialmente, pois limitava bastante os lucros, além de praticar muita caridade para com os menos favorecidos. Sua boa fé era sem limites. Certa feita, numa grande falta de farinha, papai veio a Fortaleza abastecer-se do produto, comprando dois vagões da RVC, de farinha, num total de 600 e tantos sacos. Ao chegar a Baturité, um dos vivos comerciantes de lá procurou-o para que lhe cedesse um dos vagões de farinha, pois sabia que o compraria quase pelo preço de custo. Dito e feito. O espertalhão só teve que esperar nossa farinha acabar para vender a dele "pelos olhos da cara". Papai aborreceu-se, reclamou que não era possível, que o havia cedido sem exploração, ao que o outro retrucou: — O Sr. costuma *dar* seus produtos, Sr. Antônio Arruda, eu os *vendo*...

Como se vê, meu pai não dava mesmo para o comércio, o que constatei

no dia-a-dia, pois estive com ele nesse labor de 1922 a 1935, época de sua morte.

Um dia, já bem doente, chamou-me e disse: - Meu filho, tenho muito medo de morrer por três motivos: por haver sido comerciante, pela responsabilidade de minha família e pelos compromissos comerciais assumidos. Ao que respondi: - Papai, não tenha tanta preocupação assim, pois como comerciante o Sr, foi escrupulosamente honesto, como chefe de família legou-nos o mais exemplar procedimento e quanto aos compromissos assumo a total responsabilidade de liquidá-los o mais breve possível. Assim o fiz e meu velho pai se foi em paz.

De temperamento tímido, calado, humilde, fé inabalável, foi meu pai, acima de tudo, um cristão autêntico, homem de oração, alma eucarística. Esquecia o tempo quando estava em adoração ante o Santissimo. Todos os dias, terminadas as funções na igreja, o sacristão entregava-lhe a chave da porta, pois só se retirava horas mais tarde em constante oração.

Ia diariamente à missa, chovesse ou fizesse sol. E quando o vigário da cidade se ausentava para curar outras freguezias, subia ele cedinho, a pé, em jejum, à residência dos padres jesuítas no sitio "Olho d'Água", 4 km distante de Baturité, a fim de assistir à missa e receber a sagrada comunhão. Retornava a pé, tranquilo, para recomeçar um novo dia.

Mais tarde, com a saúde bastante combalida, não podendo fazer mais extravagâncias, alugava um cavalo e lá se ia ele ao Santo Sacrifício da missa, ao qual jamais faltou durante sua existência, relativamente curta.

A morte o arrebatou muito cedo, aos 57 anos de idade, porém o encontrou pronto, como justo que era, para comparecer ante à face de DEUS.

JEREMIAS ARRUDA

(05.03.1882-03.06.1969)

Por Luiz Soares Arruda

Gostaria de começar a falar da vida de meu pai, mas... pelo fim! Inclusive, porque, toda vida humana, somente se torna obra acabada, com contornos e dimensões definitivos, depois que deságua na morte. Valemos, não pelo que fomos ou fizemos em determinadas quadras de nossa existência, mas pela maneira como a terminamos. Foi, certamente por isso que São Tiago, em sua epístola, falou do nosso "ar de nascimento", ou seja, daqueles traços que a morte deixa gravados nas feições de cada um.

Não foi meu pai um baturiteense nato. Nasceu em Santo Antônio do

Aracati-Açú, município de Sobral. Chegou, todavia a Baturité, ainda criança, Foi, nessa cidade, que fez seus estudos, e sob a direção de Mons. Manoel Cândido dos Santos, plasmou sua personalidade moral e espiritual. Casou-se com baturiteense, de nobilissima estirpe espiritual, que lhe deu onze filho, dos quais, nove sobreviveram. Contudo, apenas três desses filhos, os mais velhos, nasceram em Baturité.

Cedo, como todos os jovens de sua geração, entregou-se ao comércio ao lado do pai. Foi, na casa de negócios do Cap. Miguel de Arruda, que o jovem Jeremias se iniciou na arte de comprar e vender, arte que, um dia, o levaria as culminâncias do empresariado da época.

Transferiu-se, em 1915, para Fortaleza, no inicio, portanto, da primeira grande guerra. E, quando o comércio local, ainda incipiente, não se atrevia a grandes vôos na área de exportação, meu pai, com todo o ímpeto de seu extraordinário dinamismo e seu formidável tino comercial, meteu-se a fornecer produtos do Ceará ao governo inglês.

Foi um desbravador! Fretou navios, carregou-os de mercadorias, ganhou muito dinheiro e deu muito dinheiro a produtores, ao Estado e ao próprio País, através das divisas, auferidas nas exportações.

Marco dessa época de fastígio é a residência que fez construir em Fortaleza e, hoje, abriga o Instituto do Ceará.

Cessada a guerra, veio o colapso. Mercadorias colocadas à disposição do exportador e contrato de conversão de divisas, unilateralmente rompido pelo Banco do Brasil foram processos de corrosão, que acabaram por provocar a liquidação da firma, apesar das tremendas lutas de sobrevivência empreendidas por meu pai. Como consequência, veio a emigração para o Pará, em 1926 e, logo depois, para o Rio de Janeiro, onde se fixou, definitivamente, em 1928.

Eis aí, de forma sucinta, aquilo que poderíamos chamar de fase cearense da vida de Jeremias Arruda.

Emigrou meu pai e, com ele, a perseguição sem tréguas que lhe movia o Banco do Brasil de então, que ele acionara em busca de reparação para injustiças e danos ocasionados por esse estabelecimento de crédito.

Com a pertinácia dos grande injustiçados, lutou cerca de 40 anos para ver a consagração, em sentença unânime do Supremo Tribunal Federal, reconhecendo-lhe os direitos violados pelo arbitrio do poder econômico. Reservou-lhe Deus essa reparação, muito embora, no dia da primeira decisão dessa mais alta côrte de Justiça, tivesse ele entrado, cercado pelos filhos, na pequenina igreja de Santa Luzia, bem no centro do Rio, - uma coincidência com a igrejinha de igual nome, existente em Baturité, - e ter feito longa e silenciosa prece, na qual pedira a Deus, segundo nos disse, que não lhe concedesse êxito na demanda, se o dinheiro, que porventura tivesse de receber, a título de indenização, viesse a ser causa de perdição para qualquer filho ou neto!

No Rio de Janeiro, apesar da família numerosa, conseguiu sobreviver e, aqui, como no Ceará, foi um desbravador! Meteu-se em negócios imobiliários, rasgou ruas, subiu encostas de morros, abriu novos vasos comunicantes entre artérias, como o prolongamento da Rua Eduardo Guinle, hoje transformada em opção para o intenso tráfego ligando Copacabana, Ipanema, Leblon e Botafogo, ao bairro de Laranjeiras.

Esses, os aspectos marcantes de sua movimentada vida pública.

À medida, contudo, que se enriquecia de experiência, voltava-se ele para dentro de si mesmo e, frequentemente, fazia auto-análise, para concluir afinal, de que nada lhe valera tanta correria "atrás de fortuna e glórias"...

Ninguém, com conhecimento de causa, apregoava melhor do que o velho Jeremias, a inanidade das coisas deste mundo! Negócios, riquezas, amigos de mesa e de bolso, que desapareciam aos primeiros sinais de tormenta, como aquelas aveque pressentem as tempestades, tudo isso conhecera ele muito bem, para saber que pertenciam ao mundo do nada.

Sua velhice, de lucidez até o último suspiro, foi de constante escalada espiritual.

E, foi nessa instância final, que Baturité teve participação decisiva. Com efeito, graças ao aprendizado feito na escola de espiritualidade de Mons. Manoel Cândido, velho e santo vigário dessa cidade cearense, aproximou-se meu pai, serenamente, daquela divisa entre a graça e a gloria, inabalável em sua extraordinária fé, firme na certeza de que a morte não é fim trágico e inglório para o homem, mas passagem para a verdeira VIDA!

Inteiramente submisso à vontade de Deus, espiritualmente humilde, como convém aos que devem passar pela "porta estreita", meu pai deixou a todos os filhos, sete cearenses, uma paraense e uma carioca e aos trinta e sete netos, todos cariocas, magnífico exemplo de fé e de santidade.

Precisamente por isso, disse, no início, que gostaria de começar a falar de sua vida, pelo fim... Por eese fim de apoteose sobrenatural!

Na galeria dos Arrudas de Baturité, sua cidade de adoção, que ele amava como se nela houvera nascido, meu pai somente estará bem situado, se o colocarem ao lado desses entes queridos da família que, postularam e amaram a fé católica, apostólica, romana.

ANANIAS ARRUDA
- (23.05.1886 -)

Era uma radiosa manhã de primavera, aquela de 23 de maio de 1925. Debruçado à varanda de nossa casa, em Lisboa, onde então moravam os meus pais, eu aguardo ansioso aqueles tios do Brasil, de que tanto se fala ultimamente. Eis que chegam e com a curiosidade irrequieta de meus 6 anos mal completos, corro à porta para recebe-los. São os meus tios Ananias e Donaninha. Tomando parte na Grande Peregrinação Brasileira do Ano

Santo, ao Oriente: Grécia, Turquia, Egito, Palestina e Siria, sem falar nos paises da Europa: Itália, França, Espanha, e Portugal.

Após os primeiros momentos de euforia da chegada, ponho-me a observá-los com meus olhos de criança. Ela é de talhe fino, esguio, em seu vestido branco de mangas compridas de onde emergem as mãos alvas, delicadas, que se agitam na gesticulação viva que acompanha as palavras e as frases,a contar fatos e episódios da viagem. O rosto oval, de pele muito branca, sem pintura, quase pálido, onde se destacam os olhos verdes, grandes, com pequenas rugas a assomar-lhes os cantos. Os cabelos castanhos, longos, presos no alto da cabeça, tendo a cobri-los um chapéu de abas largas que ela tira com desenvoltura. Pretestando cansaço, deixa-se cair numa poltrona e tira os sapatos de salto alto, libertando os pés envoltos em meias de seda muito fina, deixando antever os dedos que ela exercita para desentorpece-los. No conjunto, tem algo de fragilidade.

Ele é de altura mediana, magro, cabeça pequena, rosto comprido, a pele corada, o cabelo e o bigode castanho claro, os olhos azuis. No seu todo denota-se energia, determinação. Alguém menciona que é o dia do seu aniversário, em que completa 39 anos, e renovam-se os abraços, as felicitações. Até parece que a alegria se torna maior e a felicidade mais contagiante. E assim se passa o dia até que, já à tardinha, lá se vão eles de volta ao navio que os levará pelo Mediterrâneo à fora, para a grande aventura que me empolga, que me assombra: a grande aventura de ir ao Oriente em visita às terras onde Jesus nasceu, viveu e morreu.

Anos se passam. Retornamos ao Brasil, ao Ceará, Baturité. Aquele primeiro contato se renova e se torna agora permanente, no convívio diário de quem vive na mesma cidade, lado a lado, e tem a unir-nos uma afeição familiar profunda apanágio de toda uma família. E a despeito de algumas diferenças de opinião que nos levam a divergir em muitos casos, pouco e pouco vai crescendo na criança, no moço, no jovem e no homem que caminha pela vida, a admiração, o respeito e a estima por esse tio, pela maneira como vive, pelo que faz, pelo que é: por sua Fé indômita que o leva a proclamá-la a todo o instante; por sua força de vontade insuperável que o leva a nunca desistir; por sua capacidade de trabalho extraordinária que parece não lhe dar fadiga; por seu otimismo constante que o faz ver sempre algo de bem mesmo naquilo que nos parece desastroso; por sua falta de respeito humano que o faz agir com desassombro sem medo do que possam pensar ou dizer; por sua coragem e destemos que o levam a enfrentar os adversários sem receio do que lhe possa acontecer; por seu espírito de amor oa próximo que o impele a doar os seus bens, e fundar Escolas, Colégios, Instituições de Caridade: Ambulatórios, Maternidades, Hospitais que farão o bem não só a poucos, mas a muitos, e não só agora, mas de maneira permanente, ao em vez daqueles que se limitam a fazer a caridade dando esmolas que beneficiam apenas aos que as recebem; por jamais ter odiado

mesmo quando alvo de rancor; por nunca se deizar abater, por maior que seja o insucesso; por jamais transigir com o erro, mesmo que isto lhe cause prejuízo; por ter feito o bem, mesmo quando lhe desejam mal; por ter sempre perdoado, mesmo quando vítima de injustiças.

E quando alguns, já no ocaso da vida, dele se acercam a pedir o seu perdão, generosamente ele o dá, pois que há muito já o havia dado.

Nasceu a 23 de maio de 1886, em Santo Antônio do Aracati-Açú, Município de Sobral, Ceará, sendo filho do Cap. Miguel Arruda e de Dna. Maria do Livramento Vasconcelos Arruda.

Em 1891, com apenas 5 anos de idade, veio para Baturité, em companhia de seus pais e irmãos, e aqui cursou, sucessivamente, as Escolas Primárias do Professor Viana e das Professora Maria Maia e Maria Estelita; o Ateneu Baturiteense dirigido pelos Professores Galdino Chaves e Luiz Gonzaga Gomes da Silva; e o Colégio Nogueira do Professor Joaquim da Costa Nogueira, tendo concluido o Curso de Humanidades, como interno, no Educacionário mantido pelo Pe. Dr. João Augusto da Frota, em Guaramiranga, na Serra de Baturité.

Em 1902, iniciou sua vida prática passando à atividade comercial, tendo participado das firmas Antonio Arruda & Irmão, Arruda & Irmãos e Arruda & Filhos, como sócio de seus irmãos Antonio, José e Vicente e de seu pai Miguel de Arruda.

Desde muito moço dedicou-se a uma profícua atividade social e religiosa: foi o fundador da Conferência Vicentina de São Luiz de Gonzaga (17.12.1900); da Escola Paroquial do Menino Deus (25.08.1901) da qual foi professor e diretor por muitos anos; do jornal "A Verdade" (08.04.1917) mantido às suas custas e do qual ainda hoje é Diretor; do Círculo de Operários Católicos São Jose de Baturité (13.07.1924) e de seus núcleos do Patiú, Candéia e Bananeiras, além dos Círculos de Aracoiaba e Sto. Antônio do Aracati-Açú; da Vila dos Pobres São Vicente de Paulo (01.12.1940) com 15 casas por ele construidas e doadas às Irmãs de Caridade para abrigo de indigentes; do Ambulatório São José (17.09.1949) também construido e doado por ele às Irmãs de Caridade para socorro aos doentes pobres; do Pavilhão Cap. Miguel de Arruda, em Sobral, Ceará, (23.09.1949) construido às suas custas em comemoração do centenário de nascimento de seu pai, como parte do Abrigo Sagrado Coração de Jesus, obra de amparo social de Dom José Tupinambá da Frota, Bispo daquela Diocese; e de uma Igreja dedicada a Nossa Senhora do Livramento construida por ele na fazenda Bilheira, em Santo Antonio do Aracati-Açú, Município de Sobral, (04.01. 1956) em comemoração ao centenário de nascimento de sua mãe.

Casou-se a 17.09.1911, em Baturité, com Ana Custódia dos Santos, filha de Custódio Cândido dos Santos e Agueda Braga dos Santos, sobrinha do então Vigário de Baturité, Mons, Manoel Cândido dos Santos. Em 1925, em companhia de sua esposa, tomou parte na Grande Peregrinação Brasilei-

ra do Ano Santo a Roma e à Terra Santa. Sofreu um duro golpe com o falecimento de sua esposa a 19.01.1941, o que o levou a construir uma Capela em Saboeiro (dezembro de 1941), no local da casa onde ela nascera e outra em Pacotí (19.01.1942) no local de seu falecimento.

Deve-se à sua iniciativa e à sua valiosa e decisiva cooperação a vinda para Baturité dos Padres Jesuitas (1922) e a fundação de sua Escola Apostólica (15.08.1927);o estabelecimento, em Baturité dos Padres Salesianos e a fundação de seu Colégio Domingos Sávio (01.01.1930); a vinda para Baturité, das Irmãs Salesianas e a fundação de seu Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (19.03.1932); e a vinda para Baturité das Irmãs Filhas da Caridade e a fundação da sua Casa dos Pobres Santa Luiza de Marillac (20.01.1933) a que se seguiu o Patronato Nossa Senhora do Livramento (dezembro de 1942).

Noutros setores de atividade, coube-lhe figurar como um dos fundadores da Associação Comercial de Baturité, da qual foi Presidente por vários anos, bem como do Sindicato Rural e do Banco Comercial e Agrícola de Baturité (15.08.1930), a primeira entidade de crédito criada no Município.

Em 1935, foi nomeado Prefeito Municipal de Baturité, investidura posteriormente confirmada por sufrágio popular, cargo que ocupou até 16 de maio de 1943, período em que prestou assinalados serviços à cidade como gestor da cousa pública.

Em 1938, recebeu do Papa Pio XI o privilégio especial de conservar, em Capela Privada, na sua residência, o Santíssimo Sacramento, concessão renovada, sucessivamente, pelos Papas Pio XII, João XXIII e Paulo VI.

No setor da Ação Católica, promoveu, durante vários anos, Congressos e Semanas Eucarísticas Paroquiais, com o apoio e a cooperação dos Arcebispos de Fortaleza, Dom Manoel da Silva Gomes e Dom Antônio de Almeida Lustosa, bem como de outros insignes dignatários da Igreja, sendo que, em determinada ocasião, chegou a reunir, em Baturité nada menos de seis Arcebispos e Bispos, para um destes Congressos Eucarísticos.

Em 1950, voltou a tomar parte na Perigrinação Brasileira do Ano Santo.

Em 1953, mediante financiamento que obteve de seu grande amigo o ilustre baturiteense, Luiz Severiano Ribeiro, residente no Rio de Janeiro, construiu em Baturité, uma moderna Maternidade que recebeu o nome de Maria Felícia Ribeiro e passou a funcionar sob a direção e administração das Irmãs Filhas da Caridade.

Em 1956, graças a financiamento de outro seu particular amigo e também ilustre baturiteense, Osiel Pinto, residente em Fortaleza, construiu um grande Hospital, anexo à Maternidade, que recebeu o nome de José Pinto do Carmo, cuja direção e administração também foi entregue às Irmãs de Caridade.

Em 1958, mendiante financiamento próprio e de várias ilustres famílias baturiteenses, construiu no alto de um dos morros que dominam a cidade, um belo monumento à N. S. de Fátima, com 9 metros de altura, magnífica obra do escultor Pedro Odisio, e, na encosta do referido morro, uma grande Via Sacra Pública, obras de reconhecido mérito por seu significado religioso e cultural.

Em julho de 1952, foi agraciado pelo Papa Pio XII com a Comenda de Cavaleiro da Ordem de São Silvestre e, em janeiro de 1958, tornou a ser novamente agraciado, ainda pelo mesmo Papa, com a Comenda de Cavaleiro da Ordem de São Gregório Mágno, pelos relevantes serviços prestados à causa da Igreja.

E em 23.05.1976, por ocasião de seu nonagésimo aniversário de nascimento, foi alvo de significativas homenagens do povo e das autoridades Eclesiásticas e Civis do Estado e do Município, e, em particular, de sua numerosissima família, cujos membros, vindos dos mais distantes recantos do Brasil, acorreram a Baturité e aqui realizaram um memorável encontro familiar.

MARIA ADELINA DE ARRUDA FURTADO
(25.08.1887-07.06.1965)

Por Arruda Furtado

Minha mãe Maria Adelina de Arruda Furtado, nascida pelas 5 horas da tarde do dia 25 de agosto de 1887, na povoação de Santo Antônio de Aracati-Açú, Município de Sobral, era filha do Coronel Miguel de Arruda e de sua mulher Maria do Livramento Vasconcelos de Arruda, tendo como avós paternos a João José de Arruda e Maria Quitéria de Arruda, e como avós maternos José Rodrigues de Vasconcelos e Francisca Bezerra de Vasconcelos. Foi batizada pelo vigário local, Filomeno do Mont e Coelho, Os padrinhos foram o mesmo vigário e a sua tia paterna Maria Marcolina de Arruda. Recebeu a crisma, já em Baturité, certamente das mãos de Dom Joaquim José Vieira, 2º Bispo do Ceará, sendo madrinha a professora Maria Estelita, filha do Cons Estelita.

Em junho de 1891, sua família viera do Aracati-Açú para Baturité, então importante centro comercial. É que meu avô já conhecera essa cidade, em que residia o seu sobrinho João de Arruda Aguiar, e, gostando muito da região, resovera transferir o domicílio para Baturité. A viagem se fez em lombo de animais, meio de transporte comum no tempo. A travessia do sertão foi via Canindé, para o cumprimento de um voto a São Francisco. Dali, os viajantes subiram a serra de Baturité, descendo para a cidade por Mulungu. Viagem penosa, de cinco dias de duração, conduzida a criança Maria Adelina, de quatro anos, na lua da sela do cavalo do preto Zé Dias,

antigo escravo então agregado à família.

As primeira letras, estudou-as com a Professora Maria Estelita, que fora sua madrinha de Crisma, indo depois para o Colégio da Professora Ana Bilhar, na Capital, em regime de internato, educandário que funcionava em prédio onde fica atualmente o Colégio Militar. Possuo alguns cadernos dos seus estudos, que correspondiam ao que se chamam hoje estudos do segundo grau. Minha mãe era mulher inteligente e sempre se deu à boa leitura, especialmente livros de formação para o lar, sem esquecer os romances de M. Delly e outros autores preferidos pelo mundo feminino. Possuo, de sua antiga biblioteca, a coleção do escritor francês Paulo Combes, chamada "Os Quatro Livros da Mulher", ou sejam: O Livro da Esposa, O Livro da Mãe, O Livro da Educadora, O Livro da Dona de Casa.

Em 1905, depois do período letivo, minha mãe deixou os estudos no Colégio Ana Bilhar, pois a 2 de dezembro daquele ano contraiu núpcias com meu pai, Luiz Gonzaga Furtado, nascido a 10.09.1875, em Baturité, filho do Capitão Antônio Furtado de Mendonça e Menezes e dona Maria Ursulina Bezerra Furtado, sendo neto do português Antônio Furtado de Mendonça e Menezes, oriundo da Ilha da Madeira, e da cearense Isabel Ferreira da Silva e neto também, pelo lado materno, do Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra e de Maria Teresa de Albuquerque Lima. Contava minha mãe 18 anos e meu pai 30 anos. As duas famílias eram muito amigas e, com o correr do tempo, outros casamentos entrelaçaram as duas honradas estirpes.

O matrimônio se realizou à noite, costume esse que se restabeleceu de alguns anos para cá. Foi assistido e canonicamente abençoado pelo Vigário, Mons. Manoel Cândido dos Santos, grande amigo e orientador espiritual das duas famílias. Núpcias muito concorridas, o cortejo, que se fazia a pé, naquele tempo, dois a dois, já dava entrada na Matriz de Nossa Senhora da Palma e ainda saía gente da casa do pai da noiva.

De 1905 a 1915, meus pais moraram em Baturité, nascendo-lhes então os primeiros filhos de numerosa prole. Nesse último ano, mudaram-se para Fortaleza, indo meu pai trabalhar com o seu cunhado Jeremias Arruda, então um dos primeiros comerciantes da Capital. Logo mais, por conveniências comerciais, a família, em 1917, transplantou-se para Senador Pompeu, centro interiorano que se projetava no cenário econômico do Estado. Os negócios, muito prósperos nos primeiros anos, falharam depois, voltando a família para Baturité, em 1925. Em 1929, tendo em vista a necessidade de educar os muitos filhos em meio de mais facilidades, a família se radicou definitivamente em Fortaleza, mais por iniciativa de minha mãe, que muito instou, junto a meu pai, para a realização da mudança.

Inteligente, perspicaz, muito veraz nos atos e palavras, possuia minha mãe acentuado espírito de liderança, que muitíssimo ajudou na criação e encaminhamento dos filhos do casal, que fomos 21, contando-se com dois abortícios. A união do casal podia-se dizer perfeita graças às virtudes que

ambos cultivaram desde o começo, até a separação, pela morte de meu pai, em 27 de maio de 1954. Depois da morte do velho, continuou ela, agora só, naquela escalada em busca da perfeição.

Dirigia a família, conjuntamente com meu pai, nunca o deixando em segundo plano, por reconhecer-lhe a primazia no governo doméstico. Era um duumvirato perfeito na sua coordenação de mando. Amavam-se, realmente, numa intercomunicação de gostos, propósitos e calorosa caridade, que os dois, muito religiosos, hauriam na oração e na vida sacramental que viveram. Durante toda a minha vida, jamais os surpreendi em doesto ou com asperezas recíprocas, verdadeiro exemplo para os cônjuges de hoje em dia. A preocupação com o êxito dos filhos, e, sobretudo, com a salvação individual de cada um foi constante até o término de sua vida terrena.

O interesse de minha mãe pela sorte dos outros não se limitava à orbita do lar. As necessidades do próximo, especialmente dos mais desamparados e dos parentes, provocavam de imediato a sua ação, Quantas vezes não a vi a interceder, diligentemente, ora procurando trabalho para um desempregado, ora tentando solucionar dificuldade financeira de alguém. As necessidades de ordem espiritual dos seus não lhe eram estranhas, socorrendo-os pelo menos com a oração.

Participou ativamente da vida paroquial nas cidades onde morou. Terceira Franciscana, Mãe Cristã, Apostolado da Oração, reforma de igrejas, instalações de presépios, nessas associações e atividades sempre se conduziu como pessoa de fé consciente e esclarecida, sem pieguismo. Muito devota de São Francisco de Assis e de Santa Terezinha, sempre cuidou do culto desses dois confessores da Fé. Mal fora canonizada Teresa de Lisieux e ela se empenhava em ajudar a construção da basílica, remetendo para a França auxílios que coletava. Correspondia-se com Celina, irmã de Santa Terezinha, sempre interessada na divulgação da vida da extraordinária carmelita. Manteve-se lúcida e ativa até bem perto de morrer, a 7 de junho de 1965, em Fortaleza, deixando para os filhos memória imperecível.

O venturoso casal teve os seguintes filhos, na ordem de nascimetno: 1 - MIGUEL, casao com Luzanira de Oliveira Furtado; 2 - ANTÔNIO ANTONELI, falecido em 12.01.58, que foi casado com Silvia Lopes Furtado; 3 - MARIA SULITA, casada com Joaquim Rufino Jorge de Sousa, falecido em 7.12.1977; 4 - MARIA ALACOQUE, falecida em 11.09.1974, que foi casada com José Pompeu de Arruda, falecido em 22.10.1968; 5 - MARIA LETÍCIA, religiosa da Congregação Salesiano; 6 - MARIALICE; - 7 - LUIZ, falecido infante; 8 - LUIZ CONGAZA, casado com Aglair Ribeiro Furtado; 9 - MARIA LIVRAMENTO, casada com Alzemiro Guimarães, falecido em 29.10.1977; 10 - MARIA ADELINA, casada com Miguel Edgy Távora Arruda; 11 - JOSÉ ERNANI, falecido infante; 12 - JOSÉ EYMARD, casado com Albanita de Melo Furtado; 13 - FRANCISCO, falecido infante; 14 - FRANCISCO DE ASSIS, autor destas

notas, casado com Antônia Walburga Araújo de Arruda Furtado; 15 - MARIA LUIZA, religiosa da Congregação de Santa Dorotéia; 16 - MARIA TERESA, religiosa da Congregação Salesiana; 17 - MARIA CARMEM, religiosa da Congregação Salesiana; 18 - PAULO ANTÔNIO, falecido infante; 19 - JOÃO BOSCO, casado com Maria Vanda Teixeira de Arruda Furtado.

EURICO ARRUDA
(21.06.1892-23.12.1931)

Décimo primeiro filho do Cap. Miguel de Arruda e de D. Maria do Livramento Vasconcelos Arruda, nasceu meu tio Eurico em Baturité, a 21.06.1892. Desde cedo revelou-se uma criança vivaz, irrequieta, de inteligência acima do comum, predicados que não o impediram de ser o que sempre foi: uma criatura bonissima. Passou sua meninice no convívio dos pais e irmãos em Baturité e nesta cidade estudou as primeiras letras. Iniciou o Curso de Hamanidades, juntamente com seu irmão Raimundo, no Internato dos Frades Beneditinos, na Serra do Estevão, em Quixadá, continuando-o em Guaramiranga, no Colégio do Prof. Júlio Holanda, vindo a conclui-lo em Fortaleza, no então Liceu do Ceará.

Retornando a Baturité, comprou uma Tipografia situada na então Rua do Comércio, nº 83, e se transformou em jornalista, professor e advogado, atividades que lhe proporcionavam o campo propício às manifestações de sua aguda inteligência e de seu espírito crítico, mordaz e irreverente, revelando-se então um prosador, poeta, educador e tribuno de reconhecidos méritos. A propósito, vejamos o que dele disse o memoralista Raimundo Barros Filho em suas "Recordações de um Baturiteense", publicadas neste jornal, em edições passadas:

"O Eurico, baixinho, com a cara cheia de espinhas, boêmio, alheio a preconceitos, andar saltitante, com as suas chinelas e dolman de brim cáqui, com o hábito de olhar para a gente por cima do ombro, era talvez a figura mais notável da Cidade. Professor de Humanidade com sua escola onde ensinava tudo; jornalista, editor e redator único dos apimentados jornalecos: "O MALDITO" e "O DIABO A QUATRO", cujos sarcasmos a polícia procurava reprimir apreendendo os exemplares nas mãos dos vendedores; advgado provisionado que trabalhava de graça pra todo mundo, em defesa dos mais fracos; galhofeiro, primava na sua ironia com a redação anual de seus Testamentos de Judas, com os quais mexia com todos, descobrindo e apontando mazelas".

As poesias e os versos do tio Eurico perderam-se na voragem do tempo e apenas fragmentos, poucos, imperfeitos, ainda quedam na memória de alguns. O início de um dos Testamentos de Judas:

"Morri, mas hoje em sessão magna convocada,
"Com assistência bem notada,
"Volto ao mundo com prazer.
"Sessão seleta, pelo Catão presidida,
"Que me tirou da jazida,
"Só pra lhe satisfazer...

O Catão era o Pedro Catão, uma das personalidades mais conspícuas da cidade, advogado, escritor, prefeito e vereador mais de uma vez. Em seus Testamentos de Judas, tio Eurico prosseguia usando como mote aos grande da terra, suas apregoadas qualidades, ou seus disfarçados defeitos.

Colaborou, como redator, no jornal "A Verdade", de seu irmão Ananias, de sua fundação em 1917 até 1919, ano em que viajou para o Rio de Janeiro onde ingressou na Escola Nacional de Medicina, curso que abandonou em 1921. Retornando ao Ceará, fixou-se em Fortaleza, passando a exercer a advocacia matriculando-se na Faculdade de Direito. Não chegou a se formar. Morreu a 23 de dezembro de 1931, aos 39 anos de idade, quando faltavam poucos dias para bacharelar-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Em 1929 casara-se com Albertina Soares de cujo consórcio deixou um filho Miguel Alberto.

O seu espírito superior levou-o a fazer o próprio necrológio, escrito na noite de 09 de junho de 1924, sete anos antes de sua morte. É dele os trechos que se seguem:

"Nada é novo sob o sol" diz o tão conhecido aforismo que, mesmo sem pedantismo, quase todo mundo cita em latim, o que em latim não faço para não passar por pedante.

"Quase que me gabo de ter lido bastante, mas nunca li um necrológio feito pelo *futuro defunto*, referente à sua própria e não menos *futura memória*.

"Hoje, que estou um tanto pachorrento, resolvi fazer o meu para que por ventura minha família o leia após a minha missa de sétimo dia...

...É que tal necrológio, o meu, terá, o seu *que* de importância para minha bondosa família que tanto preza a memória dos seus e não quero privá-la dessa herança; aliás a única que lhe deixo...

..."Com um percurso de vida um tanto azafamada e cheia de desilusões, quase que nada de destaque temos a registrar do saudoso extinto. Foi acadêmico da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, maticulado em nossa Escola de Direito, provisionado pelo Superior Tribunal de Justiça do nosso Estado, exercia sua atividade limitada, especialmente, na advocacia criminal nos foros de Fortaleza e Baturité. Quando predisposto, fazia suas noticiazinhas na "A Verdade" e as vezes coloborava também com logogrifos em versos.

"Possuia uma pronunciada veia de poesia humorística o que mais dedicava à intimidade de sua família de quem era amigo devotadíssimo; começou também de publicar uma "Termologia Chã", em quadras, coletâneas dos termos originais cearenses, o que não continuou por desleixo.

"De coração não era mau, era amigo especialmetne dos pobres e dos infelizes. De sólidas bases cristãs, era católico prático sendo que o seu ideal religioso era não morrer sem os últimos sacramentos da Igreja, portanto não repentemente, o que graças a Deus sucedeu. Dizia ele sempre em vida que desejaria mesmo uma morte precedida de sofrimentos crueis, contando que a graça da resignação não lhe faltasse, porque julgou sempre que o sofrimento é necessário ao homem e o melhor meio de purificação das faltas que se cometem neste mundo. De uma fé ardentíssima na Santíssima Virgem, em quem confiava ilimitadamente, dizia sempre ele com excepcional entusiasmo que "dentro dos limites da ponderação, tudo quanto a Ela se pedir, revestido de fé inviolável, se obterá com a mais absoluta das certezas, pois não se pode conceber que uma mãe deixe de satisfazer ao pedido de um filho que em lágrimas se lhe lançe aos pés, como garantia S. Bernardo, quanto mais que Mãe"!

"Portanto, era católico se bem que lesse muito C. Flamarion que diariamente lhe embevecia descortinando belamente o infinito sideral nos seus práticos ensinamentos de astronomia e moral.

"Era um desiludido desta vida e muito o preocupavam as cousas eternas; gostava muito de orar sem exibição e respeitava religiosametne as crenças alheias.

Se não foi útil nesta existência, deixava de ser inútil quando buscava refazer algum dano de ordem moral ou material que acaso fizesse ou houvesse feito.

"De aspecto raramente tristonho, procurava sepultar dentro de sua própria alma as decepções porque sempre julgou ter passado em sua existência terrena, as quais julgou ele necessárias para os primeiros passos de seu aspirado aperfeiçoamento moral.

"Terrenamente falando, o que mais intimamente o abatia era o passado tortuoso e o presente incerto.

"Espiritualmente, julgava-se convictamente mais beneficiado".

RAIMUNDO ARRUDA
(31.08.1893)

Nasceu meu pai em Baturité, a 31 de agosto de 1893, na casa da rua 7 de Setembro que hoje tem o Nº 1050, sendo o décimo segundo filho do Cap. Miguel de Arruda e sua Mulher D. Maria do Livramento Vasconcelos Arruda. Seus pais, de convicções profundamente religiosas, deram-lhe o

nome do santo do dia. De um caderno de anotações de meu avô extraio o seguinte:

"Nasceu meu filho Raimundo na cidade de Baturité, a 31 de agosto de 1893, em uma quarta feira, pelas 11 horas da noite; foi batizado na Matriz da mesma cidade, pelo Revmo. Vigário Antero; foram padrinhos o Snr. Cel. Francisco Antonio Marques de Oliveira e sua mulher a Exma. Sra. D. Maria Joana de Oliveira; foi crismado; foi padrinho o Sr. Cap. João Capistrano".

Apenas um ano mais moço do que seu irmão Eurico, formava com este uma dupla de temperamentos diversos, quase opostos, tendo, contudo, um marcante traço em comum: a retidão de carater e a bondade de coração.

A meninice ele a passou na casa dos pais, em Baturité, cercado do carinho dos irmãos mais velhos, da avó materna Dindinha, e de duas tias também maternas, Totonha e Eliza, que logo passaram a chamá-lo afetuosamente de Mundinho, apelido que, na idade adulta, não vingou. Em Baturité estudou ele as primeiras letras nas Escolinha das Professoras Maria Maia e Edvirges Castelo Branco, tendo frequentado, também, o Colégio do Prof. Galdino Chaves. Em 1908, em companhia do irmão Eurico, ingressou como interno, no Ginásio São José dos Frades Beneditinos, na Serra do Estevão, em Quixadá, onde permaneceu até dezembro de 1909 quando o referido estabelecimento de ensino encerrou suas atividades. Continuou, então, os seus estudos, também como interno, no Colégio do Prof. Júlio Holanda, em Guaramiranga, até que este também fechou as suas portas. Conta-se que os dois irmãos, adolescente de 14 e 15 anos, eram muito apegados à irmãzinha caçula, Maria Luiza, mais nova 9 anos que meu pai.. Ao se aproximar o dia da ida de ambos para o Ginásio de Quixadá, puzeram-se eles a mexer com ela, que tinha então apenas 5 anos, dizendo-lhe que não fosse chorar por ocasião da despedida. Ela manteve-se firme enquanto eles estavam presentes, mas tão logo partiram, correu a esconder-se por trás de uma porta para que ninguém lhe visse as lágrimas a rolar dos seus olhinhos infantis.

Em 1912, com 19 anos, dando por concluídos os seus estudos, meu pai foi para Fortaleza, como hóspede de seu irmão Zeca, empregando-se como auxiliar da «Casa Synger de Máquinas de Costura» No ano seguinte, no desempenho de suas obrigações como empregado da firma, foi vítima de um desastre de Bonde o qual teve como consequência a amputação de sua perna direita. Restabelecido dos ferimentos recebidos e da operação a que fora submetido, meu pai foi mandado por meu avô, a São Paulo, recomendado ao Sr. Olinto Taparelli, Superintendente da Companhia Synger naquele Estado, a fim de adaptar um aparelho ortopédico. Em 1915, tendo o seu irmão Jeremias se estabelecido em Fortaleza com uma grande firma exportadora, meu pai passou a trabalhar em seu escritório. Neste mesmo ano, como o aparelho adquirido em São Paulo não se mostrasse satisfatório, seguiu meu

pai para os Estados Unidos em companhia do Sr. Roberto Gradvohl, grande amigo de seu irmão Jeremias, para adaptar um novo aparelho o que fez na cidade de Nova Iorque. Retornando ao Brasil, continuou meu pai a trabalhar como Caixa da firma «Jeremias Arruda». Em 1918, durante uma festa de Primeira Comunhão em casa de Jeremias, meu pai conheceu minha mãe, Noemy Távora de Assis, de nobilisssima família cearense de origem portuguêsa, filha de Clemente de Assis e Silva e Maria Távora de Assis. E foi como amor à primeira vista: conheceram-se a 5 de março, noivaram a 5 de maio e casaram-se a 17 de junho. Casamento solene, realizado à noite, em casa do irmão da noiva, Cap. Antonio de Assis Távora. No ano seguinte, nasceu-lhes o primeiro filho, o autor destas notas, casado atualmente com sua prima Maria Adelina Furtado de Arruda. No ano seguinte, um segundo filho que deveria receber o nome de Raimundo, nasceu morto. Em agôsto de 1920, meu pai seguiu para Portugal, com o objetivo de abrir, em Lisboa uma agência da firma de seu irmão. Instalada a agência, retornou ele ao Brasil a buscar a família e, em julho de 1921, lá fomos todos nós: meus pais, eu, meu primo Francisquinho, filho de meu tio João, e minha Babá chamada Joaquina que, em Portugal, viria a falecer vítima de meningite. Durante nossa permanência em Portugal, meu pai viajou diversas vezes a Espanha, França e Bélgica, a serviço da firma do irmão Jeremias. Numa destas viagens, levou minha mãe e Lourdes, Paris e Lisieux. Em Paris, muitas vezes meu pai foi tomado por mutilado da la. Guerra Mundial: cidadãos cediam-lhe seus lugares e policiais chegavam a parar o trânsito para que ele atravessasse as ruas. Em 1923, tendo vindo ao Brasil por ocasião da morte de meu avô, levou ele, na volta, sua cunhada Belizarina, para fazer companhia a minha mãe que se sentia muito só, longe de sua família. Em 1923, lá estiveram, a passeio, meu tio Jeremias e sua esposa Margarida, e, em 1925, meus tios Ananias e Donaninha, que tomavam parte na grande Peregrinação Brasileira do Ano Santo. Em Portugal, nasceram minhas irmãs Maria do Livramento, atualmente Religiosa da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, e Maria de Lourdes, hoje casada com Raimundo Cesar Bastos.

No segundo semestre de 1925, meu pai liquidou seus negócios na Europa e retornou ao Brasil. Ficamos algum tempo em Fortaleza, na chácara de minha avó, no bairro do Benfica. Alí nasceu meu irmão Clemente Olinto, casado hoje com Rocilda Germano Arruda.

Em 1926, meu pai seguiu com a família para o Pará passando a trabalhar, em Belém, com seus irmãos Zéca e Jeremias, numa grande firma de que eram sócios. No Pará nasceu minha irmã Maria Julieta que é hoje casada com José de Lima Monteiro. Em 1928, meu pai retornou ao Ceará e acabou por se fixar definitivamente em Baturité, sua terra natal, e onde moravam sua mãe e seus irmãos Antonio, Ananias e Adelina. Em Baturité, nasceu meu irmão José que viria a falecer, em criança, com apenas dois anos de idade. E em Baturité também vieram a nascer todos os outros

meus irmãos: Maria Francisca Teresa, casada hoje com Nelson Lima; Maria José, casada com Tarcisio Lima Aragão; Juarez, casado com Marcelina Isabel Carvalho Arruda; e Eurico Flávio, casado com Francisca Beatriz Melo Arruda.

Em 1930, por iniciativa de seu irmão Ananias, então na presidência da Associação Comercial, com apôio de amigos, tanto de Baturité, como de Fortaleza e outras cidades vizinhas, fundou-se, a 15 de agôsto, o Banco Comercial e Agrícola de Baturité, integrado, depois, no Sistema Cooperativo, do qual meu pai foi escolhido Gerente, cargo que exerceu por 45 anos, até 1975 quando entrou a Cooperativa em liquidação. Além deste cargo, meu pai também exerceu as funções de Agente do antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários em Baturité, atual I.N.P.S., de que é hoje aposentado.

Meu pai teve também destacada atuação política a partir de 1933, quando da fundação da Liga Eleitoral Católica liderada, em Baturité, por seu irmão Ananias. Posteriormente, foi Presidente do Diretório Municipal do antigo Partido Social Democrático tendo sido eleito Vereador em várias Legislaturas exercendo, mais de uma vez, a Presidência da Câmara Municipal.

Ao chegar ao final deste breve relato da vida de meu pai, eu não poderia deixar de me referir à perfeita união que, desde quando se casaram, no longiquo ano de 1918, existe entre ele e minha mãe. União na Fé Cristã; união na prática da Religião Católica; união na identidade de sentimentos; união na dedicação reciproca; união mútua de uma vida que já não é dupla, mas uma só. E este ano, todos nós, seus filhos, netos e bisnetos, teremos a indizivel ventura de vê-los comemorar 60 anos de uma perfeita e completa devoçaõ conjugal. Minha mãe, de saúde frágil, tem passado, nos últimos anos, por graves crises, sofrendo melindrosíssimas intervenções cirúrgicas que a prenderam ao leito hospitalar por longos e penosos dias. E em todas estas ocasiões, viu-se meu pai permanecer ao pé de seu leito, sem se arredar um só instante, varando dias e noites de angustiosa espera, até que minha mãe se visse fora de perigo, num comovedor gesto de profundo amor conjugal. E para todos nós, nada tem sido mais confortador do que vê-los caminhar pela vida assim unidos, fazendo desta união a força em que nos apoiamos e que tem sido o amparo, o consolo, a luz e a vida de quantos têm a ventura deles descender.

Ventura maior acredito que não há e em julho próximo seus 9 filhos, 59 netos, 30 bisnetos e dezenas e dezenas de seus sobrinhos, parentes e amigos, vindos dos mais distantes rincões do Brasil, estarão reunidos em um encontro de confraternização marcado pelo nosso profundo sentimento de amor filial, não só a eles que ainda estão no meio de nós, mas também a todos os outros, nossos pais, avós e bisavós, que já se acham no Seio de Deus.

MARIA LUISA ARRUDA
(14.06.1902 - 05.05.1978)

Verdadeiramente aquele era um lar abençoado. Nove filhos: oito meninos fortes e saudáveis e uma menina interessante e viva, enchiam de alegria a casa de meus avós Miguel de Arruda e Maria do Livramento Vasconcelos Arruda, na velha Baturité daquele começo da primeira década do século. Minha avó tinha sido de uma fecundidade extraordinária: 17 filhos incluindo-se os 8 que haviam morrido ao nascer ou não muito depois - uma consequência dos insipientes recursos médicos de então, e sem contar com 3 abortícios, o que elevava o número para 20. Eis que Deus lhes manda mais um filho que haveria de ser o 21. Desta vez é uma menina, forte e robusta, a despeito dos 46 anos de minha avó. Meu avô decide dar-lhe o nome de Maria Luisa e assim registra o seu nascimento em um caderno de anotações:

-«Nasceu minha filha Maria Luisa na cidade de Baturité, a 14 de junho de 1902, em uma segunda-feira pelas 3 horas da tarde; foi batisada na Matriz da mesma cidade pelo Mons. Manoel Cândido dos Santos; foram padrinhos o Sr. Dr. Raimundo Leopoldo Coelho de Arruda e N.S. da Conceição; foi madrinha a Exma. Sra.D. Francisca Perdigão.»

De logo aquela criança se transforma no encanto dos pais, dos irmãos, da avó materna e de duas tias também maternas, e de quantos com ela convivem, que não demoram a dar-lhe o apelido de Mimosa, e Mimosa ela o seria por toda a vida. E é assim rodeada de amor e de carinho que cresce em saber e em virtudes aquela que haveria de se transformar no anjo tutelar de toda uma família. Seus primeiros estudos ela os fez em Baturité e ao completar 13 anos seus pais decidem matriculá-la no Colégio Nossa Senhora do Sagrado Coração da Irmã Dorotéias, que então se abria em Fortaleza, naquele ano de 1915. E lá a levam para Fortaleza os meus avós, para o internato, como era de costume então, e onde ela recebe o nº 1, como a primeira aluna a matricular-se no novo educandário. Todos os anos vem ela passar as férias na casa dos pais, em Baturité, que se enche de felicidade e alegria. E os irmãos porfiam em demonstrações de afeto e de carinho pela irmãzinha caçula, nove anos mais moça que meu pai, o último dos homens. o Eurico vale-se de sua veia poética e lhe dedica versos. Numa Noite de Natal, quando meu avô reune toda a família para a Ceia larga, após a Missa de Meia Noite, lá está ele a ler com voz pausada:

«Eu ontem fui dormir tarde,
«Hoje a cabeça me arde,
«Só em teu Natal pensar.
«Tive um sono de mil sonhos,
«Alegres uns, outros tristonhos,
«Vou agora te contar:

«Numa mesa mui comprida,
«Muito farta e bem servida,
«Eu te vi na cabeceira:
«Qual uma bela princesa,
«Cheia de graça e nobreza,
«Sentada em tua cadeira.

E por aí continua o Eurico usando como mote a todo o mundo, principalmente os sobrinhos que já então se contam por dezenas. E conclui:

«Aqui termino Mimosa
«Tanta asneira e tanta prosa,
«Foi cousa de um só momento.
Como te tenho amizade,
«Peço a Deus que por bondade
«Te dê um bom casamento...

Bem outro haveria de ser o seu destino.

Anos se passam. Meus avós mudam-se para Fortaleza em 1919, sem se desfazerem da casa de Baturité. Ficam assim mais perto da filha que continua seus estudos no Colégio das Dorotéias. Em 1922, aos 20 anos, decide ela abraçar a vida religiosa, idéia que já vem alimentando há algum tempo. Desde então começa a se desfazer do que é seu: jóias, vestidos, objetos de estimação, ela os dá principalmente a sua irmã Adelina. Seus pais querem mandá-la numa excursão à Europa. Lá poderá ficar o tempo que quizer, em Lisboa, na casa de seu irmão Raimundo. Ela recusa. Meu avô sente-se doente. Aconselhada por seu irmão Ananias, Mimosa decide aguardar que se restabeleça. Tal não acontece e ele morre a 25 de março de 1923. No mesmo ano segue ela para Pernambuco a ingressar na Congregação das Irmãs Dorotéias. Em Olinda, a 09 de junho de 1924, realiza sua Profissão Religiosa. Cinco anos permanece em Pernambuco. Em 1929 segue para o Maranhão passando a trabalhar, como professora, no Colégio Santa Teresa de São Luiz, onde fica por 27 anos. Em 1956, vem para Fortaleza, para a mesma casa onde ingressara como aluna em 1915. No Colégio Nossa Senhora do Sagrado Coração continua sua missão de caridade e amor, seja como professora, seja como enfermeira das Irmãs, tratando especialmente das mais velhinhas para as quais tem cuidados especiais. Devotadíssima à família, dedica particular estima aos sobrinhos que se contam hoje por centenas. Pensa em tudo e em todos. Por tudo e por todos vela como anjo protetor. Dos 76 anos de sua vida, 54 são dedicados ao serviço de Deus como humilde serva do Senhor. Esta era a minha tia Mimosa. Morreu a 05 de maio deste ano, deixando em todos nós e em suas Irmãs de Hábito, um vácuo difícil de preencher. Agora, no Céu, há de estar velando pelos seus sobrinhos queridos, da mesma maneira como o fez por toda sua vida.